

QUE GEOGRAFIA E QUE GEÓGRAFOS PARA O SÉCULO XXI?*

J. M. Pereira de Oliveira**

Quando se aproximava o termo do 1º Milénio da Era Cristã, um pouco por toda a parte no mundo conhecido de então, os seguidores do divino rabi de Nazaré, encheram a cristandade de medos ou pelo menos de angustiantes interrogações.

Olhando os astros e tentando ver neles que futuro seria aquele que os esperava ou rezando contritos e temendo enfim o que se anunciava como o "fim do mundo" e a consequente necessidade de salvar a alma, a face da terra sofreu as consequências de uma atitude que não teve senão como resultado, diga-se em verdade, o aumento do número das casas de religiosos, conventos, abadias e igrejas seculares. O enriquecimento concentrado de alguns e certamente o empobrecimento de muitos, tudo em nome da salvação e contra um futuro desconhecido mas, talvez por isso mesmo, mais temido ainda.

Mesmo antes disso, os ritos propiciatórios das eras ante-cristãs, diversamente, encaravam esses medos mas não menos os temiam. Os sacrifícios de animais e mesmo de seres humanos estão claramente demonstrados pela Arqueologia e todos ao fim e ao cabo nada mais pediam aos seus deuses senão um futuro onde eles pudessem encontrar-se. Os Arqueólogos não param mesmo de descobrir, quase rigorosamente datados, os restos dessas práticas do intuito primitivo de conjurar o desconhecido que se temia mais que os deuses que se adoravam, no sentido implícito de um favorecimento do porvir.

Ainda hoje na alargada ecúmena alguns povos se entregam a práticas deste género, isto é, prever o futuro e, se possível intervir na sua realização.

Ter-se-á alterado na sua essência esta vontade de prever e de conjurar os gestos propiciadores da melhoria das condições de vida, entendidas estas no sentido mais genérico da expressão?

Pelo menos num aspecto puramente formal - se é verdade que hoje já se não aponta como finalidade "salvar a alma" na perspectiva de outra hipótese de "fim do

mundo" ao aproximar-se o 3º milénio - as interrogações continuam ainda a levantar-se.

Como poderíamos estranhar pois que também num Colóquio de Geografia, não nos interrogássemos acerca do devir desta e, naturalmente do devir dos seus cultores?

É, portanto, lógica a proposição de um tema como este: **Que Geografia e que Geógrafos para o século XXI ?**

O que parece certo em tudo isto é que, determinados factos e interrogações, pela própria natureza da *res humanitas*, parece merecerem ser consideradas como quase atemporais.

Por outra forma diríamos então, para que nos preocupamos agora neste final do 2º Milénio como irá ser o 3º?

Creio que deveríamos ter, antes demais, consciência de que ele em grande parte vai ser simplesmente o resultado do que fizemos - ou não fizemos - antes, isto é durante o 2º e impõe-se naturalmente atentar cuidadosamente na hipótese de que, talvez, o 3º nem seja forçosamente desigual.

Assim, seria bom que ao reflectir sobre o que poderá ser o futuro - coisa sempre atrevida e perigosa que a interrogação inicial exprime - começássemos por fazer uma análise crítica do que fizemos; que tivéssemos a coragem, de um "mea culpa" e soubéssemos pesar os prós e os contra do que foi feito, para criar as condições de melhorar desde já o que pode vir na realidade a ser o futuro da Geografia, o futuro dos Geógrafos.

Assim, minhas Senhoras e meus Senhores como não haveria saber geográfico sem o Homem; como o Homem, desde que os primeiros dignos desse nome existiram, se dedicou a esse "saber de experiência feito", deveremos começar por pensar no ensino crítico da Geografia - que sempre se foi acrescentando é certo - e deverá continuar a sê-lo.

A Geografia, como qualquer outro ramo de saber, é também um caminho e como disse Machado, "o caminho faz-se caminhando".

Libertos dos medos e segredos inatingíveis que povoavam o pensamento dos nossos longínquos antepassados, esqueçamos a pretensa barragem do fim do milénio,

* Introdução como coordenador da Mesa redonda do II Colóquio de Geografia de Coimbra, Coimbra, Maio de 1999.

** Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

pois que a cada momento que passa estamos todos sempre a ultrapassar barreiras de tempo e de saber.

Só precisamos, creio, de ter uma consciência aberta aos princípios ético-morais e à sua regulamentação deontológica, que cada vez mais libertam o Homem da animalidade que ainda o consubstancia e que tanta vez se sobre põe brutalmente ao próprio saber e ao sentido teleológico da sua própria razão de existir.

E não nos esqueçamos que ninguém à partida está excluído embora seja utópico pretender que todos possam atingir o ideal implícito no próprio conhecimento.

Mais uma vez vem à tona a velha máxima lablachiana: "Tudo o que diz respeito ao Homem é contingente".

Esta Mesa redonda com que se termina este II Colóquio de Geografia de Coimbra, reúne um conjunto de Homens interessados nesse conhecimento, nesse saber e à partida indica a delicadeza da complexidade transdisciplinar do saber Geográfico como vertente de civilização.

Aqui se reúnem pois para reflectir em voz alta no que pensamos ser dever contínuo não só dos Geógrafos mas de todos os Homens que se não contentam com respirar o ar vivido mas purificá-lo e acrescentá-lo para que os vindouros beneficiem do seu esforço e dos avanços positivos que lhes trouxermos.

Coimbra, 4 de Maio de 1999